

OS RELATOS MÍTICOS INDÍGENAS: UM INSTRUMENTO MEDIADOR PARA A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Elisabete Aparecida Alves SOARES (UEL)¹

RESUMO: Tomando como pressuposto teórico o Interacionismo Sócio-Discursivo, o presente trabalho tem o objetivo de caracterizar, lingüística e discursivamente, o gênero “relato mítico indígena” para servir de subsídio ao trabalho do professor em sala de aula no processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa. O ensino de gêneros deve se basear na observação da relação entre texto e contexto considerando-os como atividades culturais mediadas pela linguagem numa situação dada. O trabalho com o gênero, além de ser uma forma de preservação de parte da cultura brasileira se constitui como um trabalho interdisciplinar, como sugerem os PCNs.

ABSTRACT: Based on the socio-discursive interactionism, the following work aims at characterizing, both linguistically and discursively, the “mythical Indian narrative” to help the teacher’s Portuguese teaching and learning practice in the classroom. For teaching genres it is important to observe the relationship between text and context considering them as cultural activities mediated by the language in a determined situation. Working with genre is, besides being a way of preserving part of the Brazilian culture, an interdisciplinary work as postulated by PCNs.

1. Introdução

Sendo a interação verbal a realidade fundamental da língua não se pode considerá-la como um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem uma enunciação monológica isolada, nem um ato psicofisiológico de produção (BAKHTIN, 1997). Um enunciado nunca se desvincula de uma situação concreta de produção, o que justifica a análise a partir da ligação deste com as condições de sua realização em determinada situação, a enunciação.

Levando em consideração a concepção de aprendizagem do interacionismo social, Dolz propõe estratégias de desenvolvimento do aprendiz que priorizem a instrumentalização deste para que ele possa interagir nas situações sociais a que for submetido (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

A atividade lingüística organiza-se em discursos ou em textos, que por sua vez diversificam-se em gêneros (BRONCKART, 2003). Como o funcionamento da linguagem encontra-se atravessada e dependente dos diferentes níveis de formação social, ela conseqüentemente apresenta um caráter histórico, ou seja, no curso evolutivo da história encontramos diversos mecanismos que constituem os diferentes modos de fazer textos. Como todo texto é uma unidade de produção de linguagem que se inscreve em um gênero, uma didática da língua que adote o estudo dos gêneros como objeto de ensino é de fundamental importância e urgência para que possamos passar do estágio da abordagem fraseológica da linguagem, puramente estrutural, para uma abordagem da linguagem embasada nas orientações inscritas no movimento do interacionismo social, em cuja vertente o interacionismo sócio-discursivo proposto pelo grupo de Genebra se inscreve.

Sendo assim, o enfoque deste artigo será a determinação das características de um determinado gênero textual – o relato mítico indígena – que, além de servir para a criação de um modelo didático de gênero, subsidiará o trabalho do professor em sala de aula com relação à proposta do PCNEM no que se refere à interdisciplinaridade e aos temas transversais. Acreditamos que estudar o contexto de produção de um gênero como esse é ir a fundo na busca de informações sobre a rica cultura indígena, sobre a sua história e as características sociais, culturais e ideológicas do contexto de emergência das atividades coletivas (languageiras) de onde se dá a intervenção do agente (ação de linguagem individual).

Dessa forma, outra contribuição pretendida pelo trabalho será o resgate de elementos folclóricos e culturais do Paraná, já que o *corpus* se constituirá prioritariamente de relatos e mitos indígenas paranaenses, buscando também mais uma vez dar relevância ao proposto pelos PCNEM, conteúdos que abordem temas denominados transversais como cidadania, meio ambiente e pluralidade cultural, por exemplo.

¹ elis.alves@yahoo.com.br. Mestranda no Programa em Estudos da Linguagem da UEL.

Tendo em vista a escassez de trabalhos com gêneros textuais que explorem a preservação da identidade cultural indígena através da língua portuguesa, as questões que nortearão a pesquisa esboçada neste artigo serão:

Qual a contribuição dos relatos míticos indígenas num processo ensino-aprendizagem que privilegie além do enfoque estrutural da linguagem seu caráter social, histórico e ideológico subordinados ao contexto de produção do gênero?

Como o estudo desse gênero será relevante para atender às sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais no tocante à interdisciplinaridade e ao trabalho com temas transversais como a cidadania, a pluralidade cultural e o meio ambiente?

De que maneira o estudo do gênero relato mítico indígena, embasado em uma teoria sócio-interacionista da linguagem, pode oferecer ao professor, paradigmas para a análise de outros gêneros do mesmo agrupamento?

Assim, na tentativa de responder a essas perguntas, o trabalho terá como ponto de partida o estudo do contexto sócio-histórico de produção dos relatos míticos que constituem o *corpus* da dissertação, para então partir para uma análise da arquitetura interna dos textos (BRONCKART, 1997). Esperamos, assim, chegar à execução dos objetivos propostos que podem ser sintetizados pela compreensão das operações empreendidas por um agente produtor ao textualizar o gênero o que implicará no conhecimento necessário para o agir do professor em relação à apropriação do gênero, em consonância com os PCN e PCNEM.

2. Perspectiva teórica

O processo de ensino-aprendizagem de uma língua materna como tem sido concebido atualmente, delimita o universo reflexivo do falante acerca das competências comunicativas de que dispõe para se colocar como sujeito numa situação de interação. Isso se dá devido ao fato de que este processo parece visar, até o ensino médio, a formação de analistas estruturais da língua e não sujeitos envolvidos em interações concretas de atos de fala que por sua vez são resultados de formações sócio-discursivas do autor.

De acordo com a teoria sócio-interacionista, a palavra é produto da interação locutor/ouvinte e a situação e os participantes da interação determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação, ou seja, a expressão-enunciação está subordinada à situação social, a palavra sofrerá mudanças conforme a posição social do interlocutor, por isso precisamos supor o nosso interlocutor. Sobre isso, Bakhtin afirma:

“A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).” (BAKHTIN, 1995: p. 112)

A modelagem das enunciações segue particularidades específicas que condizem, por exemplo, com o grau de submissão do receptor, a situação, as estruturas sociais de poder, etc.

Bronckart considera as formas de interação verbal, o agir comunicativo, como mediador entre os seres humanos em suas atividades e os signos, que constituem esse agir, como veiculadores do que Habermas chamou de mundos representados.

A semiotização originará uma atividade de linguagem organizada em *discursos* ou em *textos* os quais se diversificam em *gêneros*. O processo de semiotização está condicionado pelos conhecimentos práticos e/ou conceitualizados que o agente tem sobre a língua e sobre os gêneros de texto em uso, assim como a situação de interação que envolve os agentes desse processo.

Portanto, o interacionismo sócio-discursivo propõe a análise dessas ações semiotizadas em suas relações de interdependência com o mundo social e com a intertextualidade, seguida da arquitetura interna dos textos e do papel da língua natural com suas características próprias de constituição.

Partindo dessa perspectiva, recorreremos ao grupo de Genebra: Bronckart (1999), Schneuwly & Dolz (2004), e outros estudiosos de gêneros como Cristovão (2004), Nascimento (2004), Machado (2001), entre outros; que nos apontam parâmetros modelares para o trabalho com os gêneros.

Seguindo o que preconizam Dolz & Schneuwly (2004), Cristovão (2004), Nascimento (2004), Machado (2001), assinalam a necessidade de se conceber os gêneros como objetos de ensino e destacam que, precisamos construir um *modelo didático de gênero* para observar as dimensões ensináveis do mesmo e organizar as atividades que desenvolvam as capacidades que os alunos precisam desenvolver.

A partir dessas referências, primeiramente faremos referência à teoria de gênero como objeto de ensino, mencionadas por Schneuwly & Dolz (2004), para, posteriormente, recorrermos a Bronckart (1999) para construirmos modelos didáticos de gênero a partir desses *instrumentos* (Schneuwly, 2004).

Como o gênero é uma forma de funcionamento da língua e da linguagem em práticas sociais situadas, teóricos que discorram sobre os índios, fornecendo informações sobre suas vivências passadas e sua situação atual, são essenciais para que possamos situar o gênero relato mítico indígena no seu contexto de produção. Antropólogos especializados nessa área como Betty Mindlin e Carmen Junqueira balizarão a abordagem nesse aspecto já que fornecem um completo trabalho sobre os povos indígenas, como distribuição geográfica das tribos, a cultura, os problemas e as conquistas dos povos indígenas no Brasil.

O fato da própria experiência humana se dar por meio de gêneros exige que estes não possam ser vistos como objetos isolados das atividades escolares, o que seria uma incoerência, pois a utilização dos gêneros pressupõe interação. Como diz Bronckart (1999, p.103) os gêneros, “em termos marxistas, são instrumentos ou mega-instrumentos mediadores da atividade dos seres humanos no mundo”.

Portanto, se o objetivo dos professores de língua portuguesa é desenvolver nos alunos a capacidade de interagir com outros, se faz necessário estudá-los como ferramentas mediadoras das práticas sociais e de linguagem.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), o conceito de prática de linguagem se refere “às dimensões particulares do funcionamento da linguagem em relação às práticas sociais em geral, tendo a linguagem uma função de mediação em relação às últimas.”

A diferença entre práticas sociais e práticas da linguagem é que a última implica dimensões sociais, cognitivas e lingüísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação particular e a primeira é o lugar de manifestações do individual e do social na linguagem.

Para se analisar as práticas da linguagem, é necessário levar em consideração os agentes da situação, ou seja, os interlocutores da atividade de linguagem e conseqüentemente as suas representações por isso “as práticas sociais são o lugar de manifestações do individual e do social na linguagem” segundo Dolz e Schneuwly (1999, p.2).

É nesse sentido que entendemos os gêneros como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos de ensino e com isso, ratificamos a importância do ensino da língua portuguesa subsidiada pela teoria sócio-interacionista da linguagem, como preconizam os PCNs.

3. Análise das informações

Tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais, o presente artigo se mostra como uma proposta que contribuirá para a implementação de suas propostas em relação aos eixos do uso: estrutura e produção de textos seguidas pelas atividades de reflexão, ou seja, a análise lingüística. Assim, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) proporcionar ao professor condições para o conhecimento da concepção interacionista de ensino-aprendizagem, embasada numa teoria vygotskyana do desenvolvimento humano e bakhtiniana de interação verbal;
- b) estabelecer o contato do professor com outras modalidades de gêneros textuais, do agrupamento do relatar, fazendo-o perceber a importância do ensino-aprendizagem da língua abordado a partir da diversidade de gêneros textuais;
- c) demonstrar como a linguagem deve ser enfocada levando-se em conta o seu caráter social, histórico e ideológico;
- d) realizar uma pesquisa que sirva de subsídio ao professor no que diz respeito às propostas dos PCNEM quanto trata a questão da interdisciplinaridade, sugerindo o trabalho em conjunto das disciplinas afins e dos temas transversais, recomendando, em sala de aula, a abordagem de temas como: cidadania, meio ambiente e pluralidade cultural;
- e) privilegiar, no enfoque do gênero textual “relato mítico” os conhecimentos, os costumes, a história e a cultura representados nos relatos escritos e, na medida do possível, os desenhos e imagens associados a esses relatos míticos;
- f) contribuir para a inclusão social pela valorização da identidade cultural de um dos elementos formadores do povo brasileiro: o índio.

O enfoque do trabalho será a desconstrução e construção do gênero textual, relato mítico indígena, considerado como instrumento mediador tripolar (SCHNEUWLY, 1994/2004) que compreende a ação de um

sujeito sobre uma situação com a ajuda de um instrumento, a operação com esse instrumento deve ser ensinado pelo professor em uma intervenção didática. Portanto, vamos focar o instrumento (gênero textual “relato mítico indígena”) e os esquemas para sua utilização.

Para o desenvolvimento do trabalho, serão adotados os seguintes procedimentos: definição da teoria bakhtiniana sobre sócio-interacionismo e do conceito de gênero textual; análise do *corpus* de textos do gênero e construção de modelo didático a partir do gênero descrito; determinação das dimensões ensináveis do gênero para alunos do ensino médio.

Para descrição do *corpus*, terei como base a proposta de análise de textos de Bronckart verificando a ocorrência das unidades lingüísticas e o estudo da arquitetura textual, dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos. O estudo verificará as regularidades presentes no gênero para então proceder ao levantamento das dimensões ensináveis do gênero visando uma intervenção didática no ensino médio.

Para selecionar o *corpus* dessa pesquisa, o principal critério adotado foi o enfoque nos elementos folclóricos constituintes da cultura dos povos indígenas que habitaram ou ainda habitam o Paraná. Para isso, foi dada preferência ao gênero relato mítico por este se apresentar como artefato semiótico por meio do qual índios expressam sua cultura e a transmitem de geração a geração, o que faz desse artefato cultural um instrumento sócio-histórico.

Outra função do gênero reside no fato de que, por meio dele, o índio consegue expressar o surgimento de coisas que o circundam, como o sol, a água, a lua, a morte, a vida, o nascimento, sendo assim, as narrativas dos índios que habitam a região do Estado do Paraná constituem um acervo importante da tradição paranaense, já que a maioria delas explica o surgimento de cidades históricas e acidentes geográficos de relevância em nosso Estado, como por exemplo: Rio Ivaí, Nhundiaquara, Salto de Guairá, Sapopema, etc.

Também como critério para a escolha do *corpus*, está o documento orientador das práticas docentes, os PCNs, que sugerem o estudo de temas transversais como cidadania, pluralidade cultural, inclusão social e meio ambiente - objetos de ensino-aprendizagem facilmente explorados no gênero devido à desvalorização do índio perante à sociedade e à sua ligação com a natureza, além da ênfase dada pelo documento à interdisciplinaridade, que no caso dos relatos míticos indígenas remetem naturalmente a ligações com disciplinas como Geografia, História e Antropologia.

Alguns dos relatos míticos já selecionados para a análise são: Lenda do fogo (trata da origem dos campos do Paraná), Naipi e Tarobá (trata da origem das Cataratas do Iguaçu), Itacueretaba (trata da origem de Vila Velha), Lenda do Itacunhatã (trata da origem de um morro de pedras em Guaratuba) e O dilúvio Caingangue.

Dada à riqueza e à poesia dessas narrativas, não podemos deixar de transmiti-las às gerações vindouras, pois fazem parte da herança cultural da tradição oral indígena ao denominar e descrever o solo paranaense.

Portanto, segundo Dolz e Schneuwly, por *modelo didático de gênero* entende-se a construção de um objeto que priorize as *dimensões ensináveis* do gênero estudado. Para isso, é necessário identificar os conhecimentos lingüísticos e psicológicos que contribuem para o desenvolvimento das capacidades dos aprendizes e agrupá-los de maneira que sirvam para orientar a prática de aprendizagem de um gênero.

O nosso procedimento para a construção do modelo didático prevê, como ponto de partida, o estudo do contexto sócio-histórico de produção dos relatos míticos que seguem os seguintes parâmetros: o momento e o local de produção do gênero, o emissor e o receptor do gênero e os papéis sociais representados por eles, a instituição social que se dá a interação e os objetivos dos produtores nessa atividade de linguagem.

Depois da determinação do contexto de produção a pesquisa partirá para uma análise da arquitetura interna dos textos (BRONCKART, 2003) constituída pelo estudo da infra-estrutura geral do texto (plano geral, tipos de discurso e seqüências), os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal, coesão verbal) e os mecanismos enunciativos (posicionamento enunciativo, vozes, modalizações). Neste artigo, por questões relacionadas à extensão do trabalho, serão analisados, embasados pela teoria de Bronckart, os tipos de discurso presentes numa lenda indígena intitulada *A lenda do Itacunhatã*.

Sabemos que, os relatos míticos indígenas, heranças culturais dos nossos índios, têm a função de explicar algum fato, fenômeno ou tradição. Essas histórias constituem a identidade de um povo e além de fornecerem explicações sobre a origem da humanidade, dos astros, da agricultura, da caça, da sexualidade e de muitas outras coisas, ensinam regras de comportamento e de convívio social.

Devido a esse caráter didático do gênero, faz-se necessário uma análise que aborde as marcas lingüísticas e discursivas que põem em evidência essa característica. O estudo dos tipos de discurso proposto por Bronckart parece dar conta desse caráter narrativo e explicativo da lenda que compõem o gênero.

A organização temporal e hierárquica dos processos instituídos no texto dependem, essencialmente, dos mecanismos de coesão verbal que são constituídos pelos verbos e advérbios.

Os tipos de discurso que compõem uma narrativa mítica condicionam o uso dos sintagmas verbais, pois haverá predomínio deste ou daquele tempo verbal de acordo com o segmento discursivo em que este estiver inserido.

Bronckart define os tipos de discurso como:

“formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência seqüencial e configuracional” (Bronckart, 2003, p. 149).

Para que os tipos de discurso sejam estabelecidos, o autor considera a criação, pelo agente de produção de um texto, de mundos discursivos, ou seja, representações virtuais da atividade de linguagem originados com base em determinados parâmetros que Habermas (apud Bronckart, 2003, p. 33) denominou mundos representados ou mundo ordinário do desenvolvimento da ação humana.

A mobilização das coordenadas que culminarão com o tipo de discurso escolhido é realizada de acordo com operações de “conjunção” ou “disjunção” em relação ao mundo ordinário da ação de linguagem. Quando o mundo discursivo (as representações) se situa no mundo da interação social em curso, ou seja, no mundo ordinário, temos uma operação de conjunção, o mundo discursivo encontra-se “conjunto” às realizações da ação de linguagem gerando um discurso da ordem do EXPOR.

Mas quando as representações são organizadas num mundo colocado à distância daquele da interação social em curso (mundo ordinário), temos um discurso da ordem do NARRAR, ou seja, o conteúdo refere-se a fatos afastados da situação real de comunicação.

As coordenadas que definirão os tipos de discurso presentes no texto também são construídas levando-se em conta os parâmetros materiais da ação de linguagem que está sendo realizada podendo fazer referência ou não ao agente produtor, ao interlocutor e ao tempo/espaço em que a ação acontece. Nesse caso, o uso de dêiticos determinará se o discurso tem caráter “implicado” ou “autônomo”.

Será implicado quando o emissor – enunciador integra no seu texto referências explícitas aos parâmetros do ato de produção, como os dêiticos (eu/tu, aqui, agora) e terá caráter autônomo quando o emissor – enunciador constrói seu texto sem fazer nenhuma referência explícita aos parâmetros da situação de produção.

Sendo assim, temos quatro tipos de discurso assim esquematizados por Bronckart (2003, p. 157) a partir da combinação das operações descritas.

Tipos de discurso

	Conjunção	Disjunção
	EXPOR	NARRAR
Implicação	Discurso Interativo	Relato Interativo
Autonomia	Discurso teórico	Narração

Temos, assim, a seguinte caracterização dos tipos de discurso de acordo com Bronckart:

O **discurso interativo** caracteriza-se pela presença de unidades que remetem à interação verbal, ao caráter conjunto/implicado do mundo discursivo criado: coesão verbal composta essencialmente pelo presente e pretérito perfeito; dêiticos espaciais, temporais; nomes próprios; verbos, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e plural e outras marcas que remetem aos participantes da interação verbal e/ou ao espaço e ao tempo.

O **discurso teórico** se caracteriza principalmente pela ausência de frases não declarativas e pelo caráter conjunto/autônomo marcado da seguinte forma: dominância dos tempos verbais do presente e condicional e ausência quase total das formas de futuro; ausência de dêiticos, nomes próprios, pronomes, adjetivos e verbos de primeira e segunda pessoa do singular; presença de múltiplos organizadores lógico-argumentativos e modalizadores lógicos, e vários recursos que fazem referência ao próprio texto.

O **relato interativo** tem um caráter disjuncto/implicado e é assinalado essencialmente pela ausência de frases não declarativas. As principais marcas lingüísticas desse discurso são: sistema verbal composto principalmente pelo pretérito perfeito e imperfeito às vezes associados a formas do mais-que-perfeito, futuro do presente ou futuro do pretérito (condicional); presença de organizadores temporais e de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural além de anáforas nominais e pronominais.

A **narração** é um discurso que comporta apenas frases declarativas. O caráter disjuncto/autônomo é marcado da seguinte maneira: exploração de um sistema de verbos denominados tempos da história ou tempos narrativos, os pretéritos perfeito e imperfeito associados ao mais-que-perfeito composto, ao futuro do pretérito e formas complexas (auxiliar no imperfeito+infinitivo); presença de organizadores temporais e ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural.

Vamos analisar, tendo como base a lenda abaixo, os tipos de discurso que podem se combinar e se complementar na composição desse gênero.

LENDA DO ITACUNHATÃ

Se você for à Guaratuba, não deixe de ir ao Brejatuba, um morro, na praia, à direita de quem olha o oceano.

Acabado de abrupto sobre o mar, o Brejatuba é formado por uma parede de pedras, que luta continuamente com a violência das ondas. Entre as muitas pedras, destaca-se um bloco maciço, solto e de forma singular, que, com mais violência, é atingido pelo mar.

Como tivesse ficado impressionado com a majestade do bloco, decidi levá-lo à tela; procurei então o melhor ângulo, a posição que satisfaria, pela estética das linhas, aquilo que minha imaginação havia ideado.

Foi quando se aproximou um velho pescador, cujos traços deixavam antever um autêntico carijó, que deixando sua longa vara de pescar, espetada nas pedras, veio, evidentemente procurar conversa.

“Vai” pinta o Tacunhatã, moço?

Como eu tivesse suposto que era apenas mais um curioso, dos muitos que procuram, dada, talvez unicamente, a singularidade de minha distração predileta, não lhe respondi.

Mas, sem notar a minha atitude, o caboclo começou a falar. Deixei a história tal qual ele me contou. Troquei apenas alguns termos impróprios e o linguajar errôneo.

“Essa pedra chama-se Itacunhatã, é um guerreiro que se transformou. A onda que vai-e-vem é Jurucê, que brincou com o amor dele.

Os meus antepassados diziam, que seus antepassados haviam dito, que em tempos passados, os Tinguís, que habitavam os campos de Curitiba, desceram a serra, na estação das tainhas e dos camarões. Com eles veio Itacunhatã, um jovem guerreiro, que em sua tribo havia conquistado a fama de ser o mais bravo e destro.

Entre os Carijós, existia uma jovem, filha de chefe, que se chamava Jurucê, não que fosse a mais bela, mas era a mais graciosa, seu andar tinha a mansidão da Jaguatirica, seus olhos hipnotizavam, como a jararaca faz com os pássaros, e foi o quanto bastou. Rapidamente Itacunhatã tornou-se um seu ardente admirador, e daí a apaixonar-se, foi uma questão de tempo.

As duas tribos amigas acolheram com entusiasmo a idéia da união que viria beneficiar os dois povos e fortalecer a sua amizade, ainda mais que os feiticeiros previam a dispersão da tribo por “uns estranhos homens que viriam do mar”. E assim marcou-se o cerimonial, que deveria realizar-se na próxima descida dos Tinguís, isto é, quando os camarões e as tainhas proliferassem novamente nas águas de Guaratuba.

Durante um ano, Itacunhatã veio várias vezes visitar Jurucê, mas esta sempre se mostrava esquiva.

Julgando que ela não o amasse, consultou um dos conselheiros da tribo e este lhe disse:

– “Jurucê tem um grande amor por você, guerreiro, mas seu sentimento é como a onda do mar: vem com ímpeto, volúpia, acaricia a pedra e quando esta desperta do susto e tenta agarrá-la, ela num balanço feminino retira-se novamente para o mar, para depois, ao distrair-se a estática pedra, vir novamente atormentá-la.

E sendo assim, é preciso que Itacunhatã agarre Jurucê com sua força de guerreiro e a conquiste definitivamente.”

– “Eu o farei, disse Itacunhatã, nem que tenha de fazer parar o balanço da onda, nem que tenha de arredar o mar desta terra.”

Convidou então Jurucê para passear e levou-a para o alto do Brejatuba, naquele morro, em que as palmeiras agitadas pelo vento parecem pincéis a dar leves toques de prata num céu virginalmente azul. Itacunhatã jurou o seu amor à virgem.

Enleados pelas fibras do amor trocaram beijos e carícias...

Mas quando Itacunhatã já estava certo do seu triunfo, com um salto felino, Jurucê colocou-se à distância e fugiu correndo, perseguida pelo índio.

Cansada e esgotada, parou finalmente. Itacunhatã, ébrio de amor, também parou a dois passos da donzela que arfava. E sua respiração violenta, sacudindo-lhe o virginal colo ainda mais atiçou a emoção do guerreiro.

Mas o instante que parou para admirá-la foi fatal, pois Jurucê deu um salto, que parecia o pulo do Jaguamirim, jogou-se ao abismo, a onda tomou-a na mão, agitou-a ainda, como que acenando ao guerreiro e mergulhou-a na profundidade do mar...

Louco de dor, Itacunhatã atirou-se atrás, mas o mar, invejoso de sua conquista, não quis recebê-lo e ele ficou deitado na pedra...

Porém, o mar com o tempo arrependeu-se, e quando se lembra daquele amor frustrado, convulsiona-se todo e na grimpada de suas ondas traz Jurucê, para que um dia ela seja agarrada por Itacunhatã, transformado em pedra, para a consumação definitiva do amor, o eterno perpetuar das espécies...

A história terminou aí. Desisti da tela. Eu jamais conseguiria realizar, num simples pedaço de pano a ternura que emanava daquele, agora para mim sagrado local. E ao escurecer retornando pela praia ouvi um grito longínquo, de desespero, talvez, vindo lá dos lados do Brejatuba, provavelmente de algum pássaro, mas que poderia ser um grito de mulher... um grito de amor... um grito de índia talvez...

Vamos observar as principais ocorrências das unidades lingüísticas que indicam os tipos de discurso predominantes na lenda:

	Verbos no presente	Verbos no pret. perfeito	Verbos no pret. imperfeito	Verbos no futuro do pretérito (condicional)	Dêiticos espaciais e temporais
L 1	23	44	12	6	2
	Nomes próprios, pronomes e adjetivos de 1ª/2ª p. sing/plural	Organizadores lógico-argumentativos	Organizadores temporais	Anáforas pronominais e nominais	
L 1	19	1	8	3	

Podemos observar, a partir do quadro, que a lenda analisada é formada por unidades lingüísticas que caracterizam os quatro principais tipos de discurso. Inicialmente, tomemos para análise a quantidade de verbos no presente que, predominantes nos parágrafos 2, 8 e 14 indicam, juntamente com outras marcas, que aí não temos necessariamente um discurso narrativo.

No caso do segundo parágrafo, há também o predomínio de frases declarativas, ausência de unidades que remetem aos interactantes, ausência de verbos, pronomes ou adjetivos de 2ª pessoa do singular ou plural e os tempos do presente têm um valor genérico. Temos ainda, um discurso que faz referência ao mundo ordinário dos agentes, portanto, conjunto a ele, e se caracteriza como um EXPOR que está em autonomia com relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem. Notamos aí, claramente, a presença de um trecho de **discurso teórico** com o objetivo de situar o leitor quanto ao assunto a ser tratado – o morro do Brejatuba.

Seguindo de perto a quantidade de parágrafos que remetem à narração, é a quantidade de parágrafos que remetem a um **discurso interativo**. Dez parágrafos deste contra doze daquele. As marcas lingüísticas se fazem presente pelas unidades que remetem à interação em curso, quer seja ela real ou encenada. Os diálogos são um exemplo, já que neles temos a presença de frases não declarativas como uma imperativa que compõe o primeiro parágrafo e uma interrogativa que compõe o quinto parágrafo. Os tempos verbais são essencialmente os que Bronckart assinala pertencentes ao discurso interativo como o presente, que inclusive é o único tempo verbal que ocorre num turno de fala (parágrafo 14), o pretérito perfeito e até uma ocorrência de futuro perifrástico – “*Vai pintá* o Tacunhatã, moço? – no 5º parágrafo. Esses três tempos, como teoriza o autor: “expressim a relação que é estabelecida entre o momento dos acontecimentos verbalizados no texto e o momento da tomada da palavra da interação; em termos de *valor*, exprimem, respectivamente, a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade.” (BRONCKART, 1999, p. 168)

Os verbos que constituem esses parágrafos também estão em sua maioria conjugados na 1ª ou 2ª pessoa do singular remetendo aos protagonistas da ação verbal, assim como os pronomes possessivos de 1ª

pessoa recorrentes nos parágrafos 3, 6 e 7, o pessoal *eu* e o de tratamento *você* nos parágrafos 6, 16 e 14. Dêiticos temporais também fazem parte dos segmentos que comportam o discurso interativo como *quando* e *depois* presentes nos parágrafos 4 e 14. Anáforas pronominais também aparecem, caracterizando ainda mais o esse discurso como *lo* no parágrafo 3, *lhe* no parágrafo 6 e *lá* no parágrafo 14.

Temos, nesses parágrafos um quadro que perfeitamente caracteriza um mundo discursivo conjunto ao mundo ordinário dos personagens na interação ao mesmo tempo o processo faz parte de um EXPOR dialogado que é implicado com relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem.

O **relato interativo** também está presente na lenda e através do quadro podemos conferir, por exemplo, a ocorrência dos tempos verbais, que são variantes dos *tempos da história*, como analisou Benveniste ou *tempos narrativos*, denominados por Weinrich, enfim pretéritos perfeitos e imperfeitos associados a formas do mais-que-perfeito, futuro do presente e condicional. Os três primeiros tempos verbais citados são realmente os que aparecem no parágrafo 9, único de relato interativo. Temos também como caracterizadores desse discurso a presença de um organizador temporal – *em tempos passados* – localizando o relato no tempo, além de um pronome possessivo de primeira pessoa do plural remetendo diretamente ao protagonista da interação verbal – *meus*.

Esse tipo de discurso caracteriza-se ainda pelo caráter monologal em uma situação de interação, o pronome possessivo *seus*, remetendo ao parceiro da ação de linguagem, deixa claro essa interação. O relato interativo depende da criação de um mundo discursivo que está em disjunção em relação às coordenadas do mundo ordinário do agente produtor e dos ouvintes, marcado pela origem espaço-temporal, mas está implicado em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem que se desenvolve dentro do mundo do NARRAR.

Chegamos finalmente, ao tipo de discurso predominante na lenda, a **narração**, marcado principalmente por um sistema verbal constituído por pretéritos perfeitos, imperfeitos associados ao pretérito mais-que-perfeito composto, condicional e locuções verbais formados de auxiliar no imperfeito + infinitivo.

Após o início da lenda que passa pelo discurso interativo, pelo discurso teórico e também pelo relato interativo, segue-se um longo período de narração, do parágrafo 10 ao 23, só interrompido por um parágrafo de discurso interativo (par. 14). Além da maioria das ocorrências de pretéritos estar concentrada nesses parágrafos, três das seis ocorrências do futuro do pretérito (condicional) também se encontram nesse período, marcando uma projeção em relação ao curso da atividade narrativa e da história, a diegese “*E assim marcou-se o cerimonial, que deveria realizar-se na próxima descida do Tinguís(...)*”.

Dêiticos e organizadores temporais também estão presentes nesse trecho de narração garantindo a disjunção das coordenadas do mundo ordinário do agente-produtor e dos leitores: *quando*, *Durante um ano*. No parágrafo que introduz a narração, a origem espaço-temporal pode estar assinalada na passagem “*Entre os Carijós, existia uma jovem (...)*” – parágrafo 10 – que além de situar a história dentro de uma determinada tribo indígena ainda contribui para estabelecer uma marcação temporal implícita no pretérito perfeito *existia*.

O caráter disjunto-autônomo desse tipo de discurso é reforçado também pela ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural, que remetam aos integrantes da ação de linguagem, já a presença constante de anáforas pronominais e nominais – *esta* (retomando Jurucê par. 12); *ela* (retomando Jurucê par. 13); *a* (retomando Jurucê par. 17); *pelo índio* (retomando Itacunhatã par. 19); *donzela* (retomando Jurucê par. 20); *guerreiro* (retomando Itacunhatã par. 20); funcionando como substitutos dos sintagmas antecedentes e evitando a repetição aparecem como marcas lingüísticas características desse discurso pertencente à ordem do NARRAR.

No conjunto de textos analisados, a narração é o discurso predominante e, sendo assim, a autonomia é uma marca típica dessas lendas. Segundo Maria do Carmo Coelho, duas razões podem explicar essa não-implicação com os parâmetros da ação de linguagem, a natureza dos narradores e destinatários e o tipo de gênero de texto:

“A natureza do narrador desses textos autônomos o mostra na condição de pesquisador (historiador ou de antropólogo), extraposto do contexto de produção original (oral) que busca reproduzir a partir de textos escritos.” (COELHO, 2004, p. 78/79)

“O segundo fator, a natureza desse destinatário, por sua vez, revela que esses textos não foram dirigidos a um índio que ouve histórias dos mais velhos da aldeia, mas, na verdade, a um destinatário que vai ler ou ouvir uma história que pertence a uma outra cultura. Essa condição pode levar à possibilidade de o narrador não se preocupar em interagir com o destinatário.” (COELHO, 2004, p. 78/79)

De fato, ao analisarmos o contexto de produção do *corpus* selecionado para essa pesquisa, é explicitada a condição de produção desses textos: pesquisadores que mesmo convivendo durante um determinado período junto ao seu foco de pesquisa, o índio, não compartilha com ele dos mesmos elementos culturais e por isso, recolhe dados sobre sua cultura, incluindo aí as narrativas míticas transmitidas oralmente por um narrador aos demais integrantes da tribo, com o intuito de disseminá-las entre aqueles que desconhecem tal cultura.

Por não agir diretamente sobre os fatores que determinam as tradições, rituais e costumes indígenas, os historiadores ou antropólogos se mantêm à distância para a transmissão de elementos culturais das tribos, gerando esse discurso que não se dirige aos participantes da ação de linguagem. Os ouvintes, por sua vez, são constituídos, na maior parte das vezes, por interlocutores não-índios que buscam informações sobre o modo de vida e a cultura destes, conhecem as narrativas míticas através de livros didáticos, na escola ou simplesmente têm o gosto pela leitura desse gênero, ou seja, não são parceiros com quem o enunciador necessite interagir.

4. Considerações finais

As conclusões obtidas com a análise desse gênero permitem-nos perceber, primeiramente, a importância de se tomar gêneros textuais como objetos de estudo em sala de aula através de uma metodologia que privilegie uma abordagem enunciativa da linguagem, pois somente dessa maneira estaremos trabalhando com questões relacionadas à língua em verdadeiras situações de uso.

Outro ponto a ser destacado é a relevância do gênero relato mítico indígena como parte da preservação da identidade nacional, assim como os contos de fadas, que são representativos de uma imagem estrangeira, mais precisamente européia, as lendas, sejam indígenas ou folclóricas, simbolizam a identidade nacional brasileira, não devendo ser esquecidas nas transposições didáticas de gêneros que começam a florescer nesse período intenso de descobertas acerca dos gêneros textuais.

5. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ,1999.

COELHO, Maria do Carmo. *Encantos de Desencantos do Mundo Mítico Amazônico – Caracterização do Gênero Lenda/Mito com fins didáticos*. Uni – CEUB – Distrito Federal: 2004.

CRISTOVÃO, V.L.L; NASCIMENTO, E. Lopes. Modelos didáticos de gêneros: Questões teóricas e aplicadas. In: CRISTOVÃO, V.L.L; NASCIMENTO, E. Lopes. (org) *Gêneros Textuais: Teoria e prática*. Londrina: Fundação Araucária, 2004.

Dolz, J; Schneuwly, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita-elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras,2004.p.41-70.

MEC. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio n.2. Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. Brasília, 1999.

PORTELA, Fernando e MINDLIN, Beth. *A questão do índio*. 13ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e Tipos de Discurso: Considerações Psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J.(orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas : Mercado de Letras,2004.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Os gêneros escolares : das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J.(orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas : Mercado de Letras,2004.